

PELA LIBERTAÇÃO DOS POVOS OPRIMIDOS

Boletim Anti-Colonial e Anti-Imperialista do
CENTRO DE ESTUDOS ANTI-COLONIAIS (C.E.A.C.) DA A.A.C.

Nº3

28-V-1975



SUMÁRIO:

EDITORIAL	pág.1
O EXEMPLO DA LUTA DO POVO MOÇAMBICANO NA CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL . . .	pág.3
O LUTA DOS POVOS DE TODO O MUNDO.	pág.5
MÉDIO ORIENTE: colonialismo, sionismo, imperialismo	pág.6

Contra o Imperialismo, pela Independência Nacional

O imperialismo é o "estádio supremo do capitalismo, é o desenvolvimento do capitalismo na sua fase monopolista. Na sua fase imperialista, ultrapassada a livre concorrência, os monopólios e o capital financeiro (fusão do capital bancário com o capital industrial) ditam a sua lei. Fazem uma política de rapina, de saque e de exploração das riquezas naturais, matérias-primas, de mão-de-obra barata nos países que dominam e servem-se da larga exportação de mercadorias (conquista de mercados) e capitais, para acentuar a sua dominação e arrecadar enormes benefícios.

Para manter a sua dominação o imperialismo tem de recorrer a outros meios para além dos mecanismos puramente económicos, assim necessita de um forte aparelho militar, o que o leva a interessar-se não só pelos países com grandes riquezas naturais, mas também pelos países que não tendo interesse do ponto de vista económico são pontos estratégicos no plano militar.

Para além disto, o imperialismo terá necessidade de, paralelamente à criação de grandes blocos económicos sob o seu domínio, a formação de organizações militares que garantam a perpetuação da exploração, para o caso dos povos resistirem, se imporem pela força. A Nato e o Pacto de Varsóvia são os exemplos mais notórios.

O imperialismo não utiliza sempre a mesma tática para a dominação dos povos. Essa dominação pode ser directa - colónias - (Porto Rico), forma arcaica de dominação, tendente a ser substituída por outras mais subtis como as neocolónias (Chile, Zaire, etc.) em que as burguesias nacionais ligadas ao capital internacional servem de correias de transmissão para os objectivos de saque e de exploração a esses povos. Para a penetração imperialista usam-se meios que vão desde as ajudas "desinteressadas" ou à acção militar directa. Assim, a actuação imperialista chega a atingir uma forma terrorista (Chile, República Dominicana, Guatemala, Panamá, Congo, Uganda, Vietname, Camboja) para derrubar regimes progressistas e instaurar ditaduras reaccionárias suas lacaias.

No entanto, se a sua prática de actuação através do mundo é muito semelhante, o imperialismo encerra dentro de si enormes contradições que levam a que neste momento o globo seja dividido em duas esferas de influência, rivais entre si, embora aparente amigáveis. Por um lado é o imperialismo yankee e por outro é o social-imperialismo que mascarado de "socialista" e "pacifista" tem aplicado a opressão e a repressão sobre os povos economicamente mais débeis, submetidos à "protecção" da grande potência.

É o imperialismo yankee se tem portado como o grande inimigo dos povos com a sua conhecida actuação desde a América, Ásia ou África, por outro lado os social-imperialistas russos têm mostrado que as suas teorias pacifistas e chauvinistas de grande potência não passam de abomináveis mentiras para oprimir e sugar os povos indefesos. Que o digam o povo da Checoslováquia, vítima da agressão terrorista da seu "protector"; do Paquistão, do Egipto, onde a sua política interesseira no fornecimento de armamentos já

levou a própria burguesia no poder a expulsar os técnicos soviéticos e a virar-se para o outro imperialismo, talvez mais rentoso. Que o digam o povo da Coreia, do Camboja onde os social-imperialistas apoiam Lon Nol e a sua clique de reaccionistas. Que o digam a Polónia, Bulgária ou Mongólia, semi-colonizados e saqueados por aquele "protector". Que o digam os países latino-americanos a quem a URSS e os EUA pretendem impedir os direitos marítimos sobre 200 milhas a partir da costa. Que o diga o povo Palestino, vítima também das duas superpotências, o qual não possui matérias-primas nem território, o que leva aqueles a terem uma política virada para a burguesia árabe, de quem o povo Palestino também é vítima. Exemplo notório foi a política de traição da URSS aos palestinos na guerra civil da Jordânia que não era mais que uma luta de classes no mundo árabe. De referir também a célebre teoria da "divisão internacional do trabalho no campo socialista" que leva os povos a produzirem segundo as necessidades da URSS, lhes impoem trocas des

(cont. pag. 2)

CONTRA O IMPERIALISMO, PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

(continuação da página 1)

vantajosas e os submete ao seu mercado.

Antes do 25 de Abril, Portugal era pasto do imperialismo americano e dos seus Satélites europeus, que controlavam sectores chaves da economia portuguesa e investiram para explorarem a mão de obra barata. Com a guerra colonial deu-se um ainda maior enfeudamento de Portugal ao imperialismo americano e ao seu bloco militar agressivo a Nato. A dominação económica exercida pelos americanos e seus parceiros menores da Europa Ocidental, não foi simplesmente um factor de exploração dos trabalhadores portugueses mas também a perda da independência Nacional.

A grande burguesia portuguesa, os grandes capitalistas e os grandes agrários, apoiavam essa exploração dos trabalhadores portugueses e esse enfeudamento de Portugal ao imperialismo, porque era também uma forma de obterem grandes lucros para si e consolidarem o seu domínio.

Depois do 25 de Abril, deu-se uma mudança na situação política portuguesa com o controle do poder político por algumas forças representativas da burguesia não monopolista; assim as forças da reacção imperialista viram-se momentaneamente abaladas.

Com a ameaça da perda de posições hegemónicas num ponto fundamental da sua estratégia de dominação do mundo, levou o imperialismo americano a tentar, com o apoio das forças da reacção fascista internas, golpes fascistas contra a democracia burguesa em Portugal. Assim se deram o golpe Palma Carlos, o 28 de Setembro e o 11 de Março, as sabotagens económicas e despedimentos. No plano externo tentam cortar todos os financiamentos, fazendo um bloqueio económico.

No entanto, e devido às contradições internacionais entre os imperialismos, ao mesmo tempo que o imperialismo americano, momentaneamente abalado, tenta ganhar forças e pressionar o poder político em Portugal, um novo perigo se começa a desvendar, que é a penetração social-imperialista. É aqui que a actual burguesia no poder, inconsciente e vacilante claudica e se ajoelha perante a ameaça e pressão das "duas superpotências". É assim que os social-imperialistas através dos seus lacaios, reevindicam a sua

fatia do bolo ao mesmo tempo que as trocas económicas desvantajosas já se começam a efectuar. É a importação de têxteis, calçado, vinho e tomate de Portugal, é o fornecimento de créditos de exportação com altos juros a indústrias portuguesas, é a venda de madeiras, quando Portugal é um produtor de madeiras, é a venda de sardinha como na greve dos pescadores de Matosinhos. Por outro lado, já os social-imperialistas pedem facilidades na ilha da Madeira e Figueira da Foz para o abastecimento dos seus barcos.

A par de tudo isto é a ameaça de agressão armada; e também aqui as forças do poder claudicam, quando permanecem nos pactos de agressão como a NATO e o Pacto Ibérico. Neste momento a questão da independência nacional põe-se de uma forma prioritária. Só no nosso país existem as bases das Lages, do Montijo, Marco do Grilo, Troia, Porto Santo, Beja, Flores, etc. e que o actual poder, longe de combater e anular, e perante as manobras militares dentro do próprio território, como os exercícios da NATO em Fevereiro e os próximos, ao largo da nossa costa e que a imprensa já vem assinando, longe de combater tudo isto, dizíamos, antes se curva perante o imperialismo e lhe faz até todas as cortesias, para não lhe "cair em desgracia".

Mas, se os imperialistas americanos ameaçam a segurança do nosso país, não podemos esquecer o poder da outra superpotência - a URSS, cuja marinha de guerra no domínio do Mediterrâneo é uma permanente ameaça para o nosso povo e para a sua libertação.

VIVA A LUTA DOS POVOS CONTRA O COLONIALISMO, O NEO-COLONIALISMO, O IMPERIALISMO E O HEGEMONISMO!

PELA INDEPENDENCIA NACIONAL!

O Exemplo da LUTA do POVO de Moçambique na conquista da INDEPENDÊNCIA NACIONAL

"O Poder pertence ao Povo, foi conquistado pelo Povo, deve ser exercido e defendido pelo Povo."

SAMORA MACHEL

Nunca os Povos submetidos ao jugo colonial deixaram de exercer forte oposição à dominação e exploração de que eram vítimas. No entanto a resistência espontânea e desorganizada leva os Povos colonizados à compreensão da necessidade de se organizarem e unirem contra o inimigo comum. É assim que depois de centenas de anos de resistência ao jugo colonial português, o Povo moçambicano começa a dar os primeiros passos na luta armada pela Independência Nacional, surgindo as primeiras lutas em 1964.

Nesta primeira fase da luta armada graves erros foram cometidos, que fizeram com que a acção dos colonialistas se fizesse sentir imediatamente sem que se lhe opusesse um forte movimento popular. De apontar como principal erro cometido o desfasamento entre a luta armada e a mobilização popular, de que resultou uma autêntica debandada das populações para a Tanzânia. Depois de claramente compreendido este erro a Frelimo passa à mobilização e organização das massas populares segundo o princípio de quem faz a revolução é o Povo. Como resultado do avanço na concretização da linha de massas, ultrapassando os erros cometidos na fase inicial, o Povo da região do Lago Niassa, sob a direcção da sua vanguarda organizada, a Frelimo, alcança em 1965 grandes vitórias sobre o inimigo colonialista. Como esta muitas outras iam sendo alcançadas.

A falta de clarificação sobre o que era e o que deveria ser a Frelimo, levou a que intensas lutas ideológicas se travassem no seu seio entre 1964 e 1967. Assim, pode dizer-se que existiam duas concepções completamente distintas

daquilo que deve ser a luta pela Independência Nacional. Por um lado, a linha caracterizada pela Aliança dos Operários com os Camponeses e todos os Patriotas e Democratas conscientes de que a verdadeira Independência Nacional passa pela tomada do Poder pelo Povo, pela liquidação da exploração do homem pelo homem, pela Democracia Popular. Por outro, a linha dos novos exploradores de pele negra que emerge das camadas sociais que pretendiam manter e desenvolver os seus privilégios em detrimento das forças revolucionárias e do Povo. Esta é a linha anti-popular de Uria Simango, do racista padre Eweengene, do tribalista Lázaro e outros. Como resultado da evolução da luta popular de massas e da luta ideológica no seio da Frelimo, todas estas posições anti-populares se desmascaram e isolam.

A medida que a luta popular sob a direcção da Frelimo avança, as derrotas infringidas ao colonialismo português eram cada vez maiores e mais numerosas, ao ponto de se atingir a libertação de extensas zonas do território Nacional Moçambicano onde as populações começavam a edificar uma sociedade nova. A vida nas zonas libertadas caracterizava-se pela produção colectiva, pela discussão e resolução de todos os problemas políticos sociais e culturais, da produção e do ensino em cada zona, pela discussão, difusão e consolidação da linha revolucionária de massas da Frelimo. E nisto que consiste no essencial o Poder Democrático Popular das extensas zonas libertadas.

O Povo Moçambicano diz frequentemente que no curso da luta
(cont. pag. 4)

O EXEMPLO DA LUTA DO POVO MOÇAMBICANO NA CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA (continuação da página 3)

a sua grande vitória foi saber transformar a luta armada de libertação nacional em revolução democrática-popular. Efectivamente, se o inimigo directo para o Povo Moçambicano era a burguesia colonial-fascista portuguesa, também soube ver que o seu inimigo de classe era a burguesia em geral, fosse qual fosse a sua cor, etnia ou religião. O que estava, pois, em causa para o Povo de Moçambique na sua luta pela libertação total, era a luta pela revolução e consequente liquidação e destruição do poder dos exploradores. Foi assim que a FRELIMO muito contribuiu para a consciencialização de classe do Povo, fornecendo-lhe a ideologia defensora dos seus interesses, a táctica e a estratégia de luta adequadas para a conquista e exercício do Poder.

Pelas próprias palavras do camarada presidente Samora Machel:

"Nós dizemos frequentemente que no curso da luta a nossa grande vitória foi saber transformar a luta de Libertação Nacional em Revolução. Por outras palavras, o nosso objectivo final de luta não é içar uma bandeira diferente da portuguesa fazer eleições mais ou menos honestas em que pretos e não os brancos são eleitos, ou ter no Palácio da Ponta Vermelha em Lourenço Marques um Presidente Preto em vez de um Governador Branco. Nós dizemos que o nosso objectivo é conquistar a Independência completa e instalar o Poder Popular, construir uma sociedade de nova, sem exploração, para benefício de todos aqueles que se sentem Moçambicanos."

No próximo dia 25 de Junho será formalizada a independência de Moçambique. Não é propriamente a assinatura de papéis sobre a Independência que o Povo Moçambicano irá festejar. É sim, a grande vitória alcançada de armas na mão sobre o colonialismo - confirmando a grande verdade de que um povo unido, organizado e com armas é invencível.

Não é a dádiva, a cedência dos colonialistas portugueses que o Povo Moçambicano vai festejar; também não é a data em si, na qual se vão assinar os papéis de independência que o Povo de Moçambique vai festejar. Irá sim, comemorar o décimo terceiro aniversário da fundação da sua vanguarda organizada, a FRELIMO,

e simultaneamente a Independência arrancada aos exploradores coloniais e imperialistas.

VIVA O PODER DEMOCRÁTICO E POPULAR!

VIVA O SOCIALISMO!

VIVA A FRELIMO!

VIVA MOÇAMBIQUE INDEPENDENTE!

A LUTA DOS POVOS DE TODO O MUNDO (continuação da página 5)

III - LAOS - "Ultradireitistas fracassam no boicote à paz"

Em 9 de Maio, dezenas de milhares de habitantes de Vientiane efectuaram uma concentração e manifestação condenando os ultradireitistas por terem sabotado a paz, oprimirem o povo e criarem dificuldades económicas. Exigiram veementemente a demissão do ministro da Defesa Nacional, Sisouk Nachampassak e outros ministros da parte de Vientiane e a completa retirada da CIA e outros agentes do serviço secreto dos EE.UU. do Laos.

Esta concentração foi levada a efeito depois dos ultra-direitistas de Vientiane terem enviado as suas tropas para atacar Salaphunkum e outras zonas libertadas pelo Pathet Laos, e intensificarem a divisão militar para intentar nova aventura.

De acordo com uma emissão de rádio Vientiane, Sisouk Nachampassak renunciou ao cargo de Ministro da Defesa Nacional. O Primeiro Ministro Souvana Phouma designou a 11 de Maio o General Kham Ouane Bouppha como comandante das forças armadas nacionais de Laos.

Para castigar severamente as tropas ultra-direitistas pela sua incursão militar nas zonas libertadas as diversas forças patrióticas do Laos fizeram um contra-ataque. No entanto, houve uma parte do exército de Vientiane que declarou a sua rotura ao controle dos direitistas ao reconhecerem a traição do seu comandante Vang Pao (subsidiado pela CIA) às estipulações do acordo de Vientiane.

(cont. pág. 8)

A Luta dos Povos de Todo o Mundo

I - SOLIDARIEDADE COM JOSÉ DUARTE

José Duarte, dirigente sindical brasileiro, de 66 anos de idade, preso nas masmorras da ditadura fascista no Brasil, desde Outubro de 1972, encontra-se nas piores condições de encarceramento e, por várias vezes já, a sua vida correu perigo. Submetido a atrozes torturas, sofreu uma comoção cerebral.

O velho lutador José Duarte fez chegar, a partir da prisão onde se encontra, em Fortaleza, no Ceará, uma missiva ao povo brasileiro e aos povos de todo o mundo, amantes da paz, do progresso e da liberdade. Declara nessa missiva:

"Por ocasião do cinquentenário da minha adesão à luta pelo triunfo das ideias invencíveis destes grandes génios da Humanidade que foram Marx, Engels e Lenine — ideias que triunfam das dos seus detractores (estes debatem-se numa profunda crise de que não podem sair) —, por esta ocasião devo exprimir o meu reconhecimento e a minha profunda gratidão ao povo brasileiro, em particular à classe operária, em virtude da solidariedade, da estima e simpatia acordadas aos que lutam pelo progresso, pela soberania da pátria e pela felicidade da Humanidade.

"Envio igualmente uma calorosa saudação, os meus respetos e sinceros agradecimentos aos povos do mundo inteiro que, batendo-se pela liberdade e pela independência, dão provas de uma grande solidariedade, dão confiança e encorajam a vontade de luta do povo brasileiro contra a opressão.

"Glória eterna aos que caíram na luta!

"Longa vida aos que prosseguem a luta pela liberdade e contra a exploração do homem pelo homem!

"A liberdade vencerá!

"Os opressores serão vencidos!

"Viva o internacionalismo proletário!

"Viva o marxismo-leninismo!

"Viva o Brasil!

Outubro de 1974

José Duarte"

José Duarte é um exemplo para o proletariado e o povo do seu país, mas também um exemplo para quantos em todo o mundo lutam pelo fim da exploração do homem pelo homem.

A ditadura fascista, lacai do imperialismo americano, prepara-se

para assassinar o camarada José Duarte, como assassinou centenas e centenas de anti-fascistas, entre os quais Carlos Daniel, Luís Guillardini, Lincoln Ceste e Lincoln Poque.

Contribuamos para salvar a vida do revolucionário brasileiro, difundindo esta carta e fazendo chegar aos representantes dos fascistas brasileiros em Portugal, o nosso repúdio pela situação dos camaradas anti-fascistas brasileiros presos.

II - NOVA AGRESSÃO DO IMPERIALISMO AMERICANO CONTRA O CAMBODJA

Depois da sua derrota no Camboja e no Vietnã, os imperialistas americanos tentam fomentar novamente a guerra na Indochina. Assim no passado dia 12, um navio espião "Mayaguez", navegando em águas cambodjanas foi apresionado por unidades navais daquele país. Imediatamente Ford ordenou que forças aero-navais efectuassem a sua recuperação. Do reencontro havido entre os cambodjanos e os americanos resultaram grandes perdas humanas. Dentro dos estragos militares os americanos destruíram um depósito e munições perto de Kompong Som, para assim privarem os cambodjanos de combustível para os barcos e aviões.

Os Estados Unidos lançaram a sua maior bomba não nuclear, a BLU-82, de 7500 quilos, sobre a ilha de Koh Tang, a fim de abrirem uma área para aterragem de helicópteros e assim melhor poderem fazer o assalto.

Nesmo depois da autorização para a retirada do "Mayaguez", aviões norte-americanos continuaram a bombardear o Camboja, em acto de pura pirataria. Acto que foi veementemente repudiado pela República Popular da China. A Tailândia condenou os Estados Unidos por terem violado a sua soberania ao utilizarem a sua base aérea de Uta-pao como trampolim para a participação dos marines na operação de recuperação do "Mayaguez".

Entretanto o GRUNK afirmou que os EE.UU. intensificaram as missões de espionagem ao largo da costa do Camboja depois da queda de Lon Nol, existindo hoje nos mares vizinhos uma autêntica frota de navios-espiões

(Cont. pág. 4)

MÉDIO ORIENTE:

Colonialismo — Sionismo —

— Imperialismo.

O sionismo, cujas ideias eram defendidas e propagadas a partir de 1895 por Theodore Herzl, caracteriza-se essencialmente pela sobrevalorização do "nacionalismo" hebraico e baseia-se em razões de ordem teológica como "o povo eleito de Jeová", com vista à formação do "Estado Judaico" naquilo a que consideram a "Terra Prometida" (a Palestina) pelo mesmo Jeová, e que veio a culminar em 1948 quando, por decisão tomada na ONU foi criado o Estado de Israel.

Devido à perseguição a que são sujeitos, principalmente na Europa Oriental, começa a propagar-se entre os judeus de todo o mundo, nos primeiros anos do século vinte a ideia do "regresso à Terra Prometida". E assim começam a afluir à Palestina um número cada vez maior de emigrantes hebreus. Estes estabelecem-se e iniciam a compra por preço superior ao normal das terras nas mãos dos palestinos; assim se formam comunidades unicamente judaicas, que são auxiliadas monetariamente pelos judeus americanos, principalmente. A breve trecho, sendo uma minoria, os judeus passam a ter sobre seu controle grande parte do território da Palestina.

Evidentemente que esta compra se englobava na perspectiva mais geral do sionismo, da formação do estado judaico e do seu "nacionalismo" que, no fundo não passa de discriminação racial.

Na primeira guerra mundial a Palestina, que até aí estava sob domínio turco fica sobre a dominação inglesa.

Há então um recrudescimento, por parte dos judeus, das pressões para que seja dada a independência à palestina, não como estado palestino, mas sim como estado judaico. Por outro lado intensificam o treino militar intensivo nas comunidades (nesta altura ilegal, embora com o conhecimento e a cooperação dos ingleses) para obstar à reacção que entretanto os palestinos começam a manifestar quando se apercebem do logro em que esta-

vam a cair.

É por isso que, em 1917, o governo inglês, pela célebre Declaração Balfour, reconhece o direito à formação do estado Hebraico.

Estas pressões intensificaram-se cada vez mais até à década de 40 e com o apoio dos EUA e da França, que aí se pretendiam estabelecer, enquanto estados imperialistas e devido ao interesse da região, tanto do ponto de vista económico como estratégico.

Com o aparecimento da 2ª Guerra Mundial e as perseguições a que, uma vez mais, os judeus eram sujeitos pelos nazis, a polícia secreta hebraica aumenta os seus contactos por todo o mundo e, principalmente, na Europa, com vista à emigração maciça dos judeus para a Palestina, incutindo-lhes, ao mesmo tempo, as ideias sionistas e do "nacionalismo judaico".

Em 1948, a opinião pública mundial, abalada pelos genocídios cometidos, a declaração da independência de Israel produziu um forte impacto, surgindo como indemnização dos sofrimentos de milhões de judeus, vítimas do nazismo. No entanto, elas escondiam a empresa colonial sionista, mascarada pelas intenções "democráticas" e pela idealização da religião. É sintomático que, para se justificar a criação de um estado, se faça apelo a uma religião tradicionalista, caída no esquecimento e fechada ao movimento sopro renovador.

O Estado de Israel surge, assim, como "colónia de povoamento, estabelecida para a espoliação brutal do povo Palestino" e como "bastião avançado do imperialismo, sobretudo americano", preocupado, inicialmente, em estabelecer-se no Médio Oriente e, actualmente, em preservar os seus imensos interesses nesta parte do Mundo, quer como situação estratégica quer económica.

Os interesses petrolíferos ocidentais no Médio Oriente são colossais. Nessa medida aí se têm desenvolvido lutas contantes, agressões contínuas do imperialismo-si-

(cont. pág. 7)

(...) onismo e se manifesta a cobiça do social-imperialismo mas neste contexto o estado de Israel tem um papel de polícia vigiando militarmente os interesses ocidentais no Médio Oriente e obtendo em troca ajuda e assistência para a sua consolidação e expansão.

É assim que, quando os sionistas começam a temer os palestinos que se encontram dentro das fronteiras do novo Estado os expulsam violentamente roubando-lhes as suas terras e os seus haveres.

Como posto avançado do imperialismo americano, o estado de Israel tendia a expandir-se de modo a dominar toda a região do Médio Oriente. Este expansionismo chocava com o nacionalismo das burguesias árabes no poder, que não pretendiam dividir com ninguém os lucros do petróleo.

O povo Palestino, que viu em 1948 a sua Pátria ser dividida entre Israel e a Jordânia, começa a ver que a sua luta não pode ser só contra o Sionismo e o Imperialismo americano, mas também contra as burguesias árabes, à frente das quais estava a burguesia jordana que se queria fazer passar por representante do povo Palestino. É à luz deste contexto que se tem que analisar as guerras israelo-árabes, especialmente a de 1967.

Entretanto surge um novo elemento: o social-imperialismo russo. Começando a sua penetração através do Egipto (barragem de Assuão), e tirando proveito da "guerra dos seis dias", a URSS vai pretender fazer dos Estados Árabes peões do seu jogo com os EE.UU. para a partilha do Mundo. É assim que se apronta a fornecer armas e apoio militar aos árabes ao mesmo tempo que os obriga a venderem-lhes o petróleo a preços bastante mais baixos dos dados no mercado internacional. Este petróleo vem depois a ser vendido aos países da Europa Oriental (e até à Alemanha Federal) pelo dobro do preço praticado a nível mundial.

O objectivo actual da União Soviética é o estabelecimento de um acordo de paz no Médio Oriente, que estabeleça a partilha actual da Palestina. É por isso que a condenar a Resistência Palestina e as formas de luta popular.

Recentemente, num discurso pronunciado por Leonid Brejnev prometia segurança a todos os estados do Médio Oriente, Israel incluído, den

tro das fronteiras anteriores a 1967. É de notar que, neste mesmo discurso, Brejnev proclamou o direito à independência dos palestinos. Mas que entendem os dirigentes russos por direito à independência do Povo Palestino? Entendem que se deve criar um Governo Palestino no exílio e que se instale no território ocupado por Israel desde a guerra de 1967 e se crie aí um país independente. Isto não é mais que uma manobra de diversão, uma traição ao Povo Palestino que não quer ceder um palmo do território que de direito lhes pertence. É mais uma forma de actuação do social-imperialismo que pretende tomar decisões em nome dos outros povos. Aliás já o "célebre" plano Rodjers não era mais do que um "complot" americano-soviético, com o apoio da reacção árabe, destinado a liquidar a Resistência Palestina.

A luta do povo palestino é uma luta de libertação nacional. A contradição principal não é entre árabes e israelitas, como de quem fazem crer toda a espécie de imperialistas e reacconárias, mas entre o Povo Palestino e o Imperialismo Internacional, principalmente o americano, cuja ponta de lança é Israel e também a reacção árabe, através da qual a União Soviética se pretende infiltrar no Médio Oriente.

Hoje, imperialistas e social-imperialistas pretendem jogar as suas cartas à mesa da Conferência de Genebra. A Resolução 242 da ONU pretende fazer da questão palestina uma questão de refugiados. Mas o povo palestino está cada vez mais a acabar com o sionismo, alcançar o direito à autodeterminação e estruturar a entidade nacional, de armas na mão.

**MORTE AO COLONIALISMO; AO
SIONISMO E AO IMPERIALISMO!**

**VIVA A LUTA DO POVO PALESTINO
ANO PELA INDEPENDENCIA NACIONAL!**

Nos dias 25 de Junho, 5 de Julho e 12 de Julho próximos os Povos de Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, respectivamente, vão obter a sua independência. Neste período (25/6 a 12/7) também em Coimbra haverá várias realizações com o objectivo de comemorar a libertação destes países do jugo colonial português. Do programa destas realizações (que oportunamente será divulgado) contarão colóquios, projecção de filmes, exposições, recolhas de fundos, etc.

As comemorações serão levadas a efeito pela Casa dos Estudantes das Colónias (CEC) e pela Associação Académica de Coimbra.

O Centro de Estudos Anti-Coloniais apela desde já a todos os anti-colonialistas e anti-imperialistas para que participe activamente nestas realizações, que devem ser entendidas como uma jornada de luta e solidariedade do Povo Português com os povos Irmãos das colónias.

MORTE AO COLONIALISMO, AO NEO-COLONIALISMO, AO IMPERIALISMO E SEUS LACAIO!

VIVA A PRELIM! VIVA O 25 DE JUNHO 1975!

VIVA O PAIGC E A UNIDADE GUINE-CABO VERDE!

VIVA O MLSTP! VIVA O 12 DE JULHO 1975!

VIVA A UNIDADE DO POVO PORTUGUES COM OS POVOS IRMÃOS DAS COLONIAS!

NOTA: Por motivos vários não nos foi possível publicar o boletim nº3 do CEA-C dentro do prazo que tínhamos previsto quando iniciamos a sua publicação. Uma das razões que motivou o seu atraso foi a reestruturação interna deste Centro de Estudos.

Porque entendemos que tudo aquilo que se passa nas secções da AAC deve ser do conhecimento da larga massa estudantil, oportunamente explicaremos, através de um comunicado, como tem sido o funcionamento do Centro de Estudos Anti-Coloniais após as comemorações do 1º de Maio, por nós levadas cabo.

A direcção do CEA-C

A LUTA DOS POVOS DE TODO O MUNDO (continuação da página 4)

III - LAOS (cont.º)

Muitas unidades de Vientiane constituídas por soldados e oficiais dos batalhões blindados declararam a sua recusa em cumprir ordens da camarilha reaccionária e o seu apoio ao Governo Provisório da U-

nião Nacional com o príncipe Souphanouvong como presidente.

Ao comentar o desenvolvimento da situação o jornal "Notícias do Pathet Laos" assinalou: "Grandes mudanças se têm produzido na situação da Indochina e do Laos. Chegou o momento do povo patriota laosiano (cont. pág. 9)

programa mínimo da FRETILIN

"A FRETILIN na sua luta pela independência nacional de Timor-Leste propõe a realização do seguinte programa mínimo que se insere no processo de descolonização, como condição "sine qua non" para o início do programa de desenvolvimento.

A - NEGOCIAÇÕES COM O GOVERNO PORTUGUÊS AFIM DE SEREM CARACTERIZADOS OS SEGUINTE PONTOS FUNDAMENTAIS:

- 1 - Reconhecimento da FRETILIN como o único e legítimo representante do Povo de TIMOR-LESTE.
- 2 - Reconhecimento imediato da independência "de jure" ao povo que habita o território de Timor-Leste.
- 3 - Colaboração por parte do Governo Português com a FRETILIN a fim de no âmbito do "programa vasto" traçado por ela, se executar a tarefa de reconstrução e desenvolvimento do país nos mais diversos sectores, nomeadamente:
 - a) A irradiação total do colonialismo através de uma profunda e acelerada transformação das caducas estruturas coloniais e implantação de outras verdadeiramente ao serviço do Povo de Timor-Leste.
 - b) A rejeição e repúdio enérgico do neo-colonialismo, e de todas as formas de alienação da Pátria a qualquer potência estrangeira.
 - c) Revisão de todos os acordos e contractos celebrados pelo Governo Português com grupos económicos estrangeiros, contractos de compromisso, principalmente no tocante ao desenvolvimento das actividades económicas como exploração do solo, sub-solo, plataforma continental e marítima do território de Timor-Leste, bem como ocupação de solos para a exploração agrícola em regime de grande propriedade, actividades desenvolvidas quer por capitalistas de origem estrangeira, quer de origem portuguesa.
- 4 - Suspensão de todos os processos de natureza contractual firmados por grupos estrangeiros ou portugueses e endereçados ao Governo Português.

B - RELAÇÕES INTERNACIONAIS:

- 1 - Não alinhamento.
- 2 - A FRETILIN desenvolverá imediatamente uma ampla actividade diplomática com todos os países do Mundo e com organizações internacionais a fim de obter apoio moral, diplomático, político, técnico, económico, financeiro e militar, com vistas à grande tarefa de reconstrução e desenvolvimento do país, salvaguardando-se sempre a política de não alinhamento.
- 3 - A FRETILIN defende a política de boa vizinhança, não ingerência e cooperação com todos os países do Mundo.
- 4 - A FRETILIN apoia e solidariza-se com todos os povos que lutam pelo seu progresso."

A LUTA DOS POVOS DE TODO O MUNDO (continuação da página 8)

III- LAOS (cont.)

tomar firmemente nas suas mãos o destino do seu país e que os laços dos E.U. e os ultra-direitistas que obstam à paz sejam derrotados e enfrentem a sua ruína. O imperialismo norte-americano e os reaccionistas ultra-direitistas já não podem actuar à sua vontade. Se os ultra-direitistas continuam obstinadamente as suas actividades de traição à política, o Povo que ama a paz e a concordia nacional irá-se-lhe para os eliminar completamente."

IV- ANGOLA

a) Uma delegação do MPLA, chefiada por Lúcio Lara, membro do Comité Central, fez escala em Lisboa, com destino a Pequim onde terá conversações com membros do Partido Comunista Chinês.

b) Esteve em Lisboa, uma delegação da UNITA (União Nacional dos Trabalhadores de Angola), onde entregou ao Presidente da república Portuguesa uma moção, na qual se pede a saída do Alto Comissário em Angola, Silva Cardoso.

IV-ANGOLA (cont²)

c) Em Angola, continua o clima de insegurança e terror. Nos últimos dias têm-se dado novos recontros entre as tropas do MPLA e da FNLA, no Cachito e Malange que causaram dezenas de mortos.

V - AS TROPAS DA NATO VÃO DESEMBARCAR EM PORTUGAL

Chegou ao Tejo mais uma esquadra da NATO constituído por oito navios e comandada pelo Comodoro Arie Sigemonde, da Marinha de Guerra dos E.U..

Tal como anteriormente a presença da NATO coincide com nova crise política em Portugal, desta vez provocada pelos partidos burgueses na sua luta pela partilha de postos chave quer no aparelho de estado, na informação ou nos sindicatos, à custa da divisão e contra os interesses do povo português.

Presentes no 28 de Setembro, 31 de Janeiro e 11 de Março, a presença da Nato é mais uma manobra de intimidação e apoio às forças reacionárias actuautes em Portugal.

Entretanto como não fosse bastante o facto dessas forças terem já o seu apoio no aparelho de estado, quer os partidos burgueses quer o MFA procuram justificar a presença de tal organização como manobras já previstas devido a Portugal fazer parte da NATO".

Entretanto, começou, em Bruxelas, a cimeira da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) na qual Portugal está representado pelo Primeiro Ministro, General Vasco Gonçalves.

Este afirmou que o nosso País continuaria na NATO. Mais adiante disse ainda: "A nossa posição é positiva no sentido do desanuviamento e de não prejudicar o desiquilíbrio na Europa" (...) "Substituímos um governo fascista por um governo democrático dando assim um melhor imagem dos objectivos que os países que se encontram na OTAN devem prosseguir."

Por outro lado, Léo Tindmans, primeiro ministro belga, declarou:

"O senhor Gonçalves pensa que nós não estamos bem informados do que se passa em Portugal, nem quanto à situação real, nem quanto à evolução dos partidos portugueses."

A NATO - organização militar agressiva - ponta de lança do imperialismo americano e seus satélites europeus foi criada para lutar contra os povos que pretendem tornar-se livres e independentes.

Aliás pelas próprias palavras de Gerald Ford, presidente dos Estados Unidos a América, "a Nato é uma aliança defensiva anti-comunista" afirmando, sarcasticamente, mais adiante que "as instituições democráticas deviam ser fortalecidas"...

Enquanto afirma que Portugal está a caminhar para o SOCIALISMO, o Governo Provisório Português pretende continuar num pacto anti-comunista, só porque não quer faltar aos acordos assinados pelo Governo fascista de Salazar...